

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* HEROICO EM “LAMPIÃO E VOLTA SECA EM ITABAIANA”

Andréa Mendonça Cunha (UFS)¹

Márcia Regina Curado Pereira Mariano (UFS)²

Resumo: O presente artigo visa à análise da narrativa cordelista **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**, de autoria de Robério Santos, em que serão observados os recursos retórico-argumentativos referentes aos lugares de pessoa e de essência, utilizados pelo orador na construção do *ethos* heroico para o cangaceiro Volta Seca. Para tanto, discorreremos acerca do conceito de *ethos*, por meio da retórica e de estudos recentes que adaptam essa noção. Na análise, privilegiaremos os estudos de argumentação perelmanianos, que têm base aristotélica. Além disso, firmaremos a construção da imagem deste herói evidenciando sua aproximação com o herói épico, visto que ambos se constroem pela mescla do plano mítico e do plano histórico. Para esta aproximação, tomaremos como referência Silva e Ramalho (2007). Ainda desenvolveremos, a partir dos estudos de Santos (2014), um breve comentário sobre o cangaço e sua história, mais especificamente, na cidade de Itabaiana, no estado de Sergipe.

Palavras-chave: Retórica. *Ethos*. Herói.

Introdução

Com o intuito de desenvolver uma análise sobre o *ethos* heroico do cangaceiro itabaianense Volta Seca, selecionamos a narrativa cordelista intitulada **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**, de Robério Santos, publicada em 2009, uma narrativa longa e diferenciada dos folhetos tradicionais de cordel, tanto em relação ao material de impressão quanto à organização, mais assemelhada a um livro. Tendo em vista a extensão do poema e nossos critérios de análise, com destaque para os argumentos dos lugares da pessoa e da essência, estudados pelos estudos retóricos e neoretóricos, recortamos as estrofes de número 1, 3, 10, 12, 13, 27, 97, 99, 102, 103, 105 e 120, as quais nos permitirão identificar os recursos retóricos utilizados pelo autor para construir um *ethos* heroico.

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/2016 junto ao projeto “Questões de gênero e identidade no cordel brasileiro”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano do DLI – UFS.

² Professora adjunta do Departamento de Letras de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe.

De acordo com Meyer (2007), a retórica esteve por muito tempo atrelada à propaganda, à sedução e à manipulação. Surgida na Sicília em razão de questões de ordem jurídica, foi utilizada pelos sofistas na recuperação de bens. Esses intelectuais “professavam o emprego da sabedoria para intervir em favor do destino das vítimas espoliadas ” (MEYER, 2007, p. 19), direcionamento este que foi reprovado por Platão.

Mais à frente, essa visão negativa sobre a retórica foi substituída com os estudos aristotélicos, quando o filósofo atribuiu a ela um papel positivo. Na concepção aristotélica, a retórica não foge da razão; ainda que seja possível a manipulação, é certo que também podemos aderir com convicção ao discurso do outro. Essa adesão ao discurso, no entanto, é alcançada, muitas vezes, através do uso da persuasão, objeto de estudo da retórica, ou seja, pelo mover das emoções aliado à razão. Dessa forma, “talvez a retórica seja um mal, mas um mal necessário, que mais se assemelha a um comunicar do que a um mandar fazer. ” (MEYER, 2007, p. 20).

Para Platão, “a retórica é uma manipulação do auditório. ” Já segundo Quintiliano, “a retórica é a arte do bem falar. ” E por fim, na visão de Aristóteles, “a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir. ” (MEYER, 2007, p. 20). Nessas definições encontramos os três componentes básicos do discurso persuasivo: o orador, o auditório e o discurso. Em outros termos, o que temos, respectivamente, é o *ethos*, o *pathos* e o *logos*.

Assim, o *ethos* compreende, segundo a retórica de Aristóteles, a dimensão do orador, a sua virtude e os seus costumes exemplares. O *pathos* é aquele a quem se pretende persuadir, convencer e encantar. E o *logos* diz respeito ao próprio discurso e aos argumentos utilizados para se dirigir ao auditório. Como este artigo pretende discutir acerca do *ethos* heroico de um cangaceiro numa narrativa cordelista, o tópico a seguir desenvolverá definições e perspectivas sobre este componente do triângulo retórico.

1. Discorrendo acerca da noção de *ethos*

Primordialmente, o *ethos* é tido como a imagem que o orador constrói de si, a personalidade, o caráter e o comportamento discursivo do orador, ou seja, como uma construção discursiva disjungida do sujeito empírico autor. Sendo toda essa definição conferida ao orador, Meyer (2007) questiona-se sobre a definição deste componente. Ainda que definindo o *ethos* como “excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do

auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo.” (MEYER, 2007, p. 34), o autor é partidário de uma definição mais ampla para este termo:

Não podemos mais identificar, pura e simplesmente o *ethos* ao orador: a dimensão do uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O *ethos* é um domínio, um nível, uma estrutura –em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente ao auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (MEYER, 2007, p. 35).

Assim, de acordo com essa definição, não podemos mais limitar o conceito de *ethos* à imagem criada de si mesmo pelo orador no texto. O *ethos*, pois, abrange toda e qualquer imagem que se cria dentro de um discurso e que converge para o *ethos* de um enunciador. Sendo que a partir dessa imagem, por exemplo, do menino Volta Seca, aqui analisada, podemos identificar muitos traços da identidade discursiva de quem enuncia e daquele a quem estese dirige.

Por conseguinte, no intuito de que seu discurso seja aceito, o orador buscará causar uma boa impressão a partir da criação de uma imagem positiva de si, que é resultado da soma de sua imagem com as outras que cria na intenção de obter a adesão ao seu discurso. Para tanto, segundo Ferreira (2010), faz-se necessário que o orador conheça seu auditório, pois “a interação entre orador e auditório se efetua por meio da imagem que fazem um do outro, da adequação do discurso aos propósitos de um e os anseios do outro. ” (p. 20).

Portanto, é em meio a essa interação entre *ethos* (do orador, das personagens, dos segmentos da sociedade tratados no *logos* etc.) e *pathos* que o autor da narrativa cordelista em análise escolherá os recursos retórico-argumentativos adequados para conduzir seus leitores à adesão de um *ethos* heroico para o cangaceiro Volta Seca.

2. A literatura de cordel e a temática do cangaço

Nos estudos de Luciano (2012), a origem da literatura de cordel tem controvérsias. Retomando outros estudiosos sobre o gênero, o autor lembra que, para alguns, ela teria nascido em Portugal com as narrativas dos trovadores e, mais tarde, chegado ao Brasil com a colonização; já para outros, onde ele se inclui, essas literaturas devem ser consideradas como fenômenos distintos. O cordel brasileiro teria se desenvolvido na região Nordeste na segunda metade do século XIX, difundindo-se através das construções de novas estradas, portanto, permitindo uma ponte cultural nas

proximidades. Essa literatura atuou como meio de entretenimento e veículo difusor de velhas histórias populares sobre a vida do homem do sertão. Esse nome lhe foi atribuído pelo fato de que os vendedores, em praças ou em casas, penduravam os folhetos em fileiras e cordões. Outra característica marcante dessa literatura é o custo dos folhetos, que é acessível. Descrevendo uma população marginalizada e esquecida, atuou não somente como meio de entretenimento e difusão da cultura do sertanejo, mas também como veículo de denúncia de sua realidade.

Para o homem pobre do meio rural, principalmente, carente de meios de comunicação, o cordel passa a significar quase tudo. Os poucos alfabetizados leem para grandes grupos que saboreiam cada linha narrada. O cordel é jornal, é divertimento, literatura, meio de difusão de conhecimentos, de perpetuação da história e da cultura. É meio de expressão de sentimentos, meio de refletir e de pensar a realidade. É, sobretudo, um veículo que permite participar da vida do país, debater a realidade, expressar necessidades e aspirações do povo. (CASCUDO, 1993, p. 109 *apud* NEMER, 2005, p.24).

O cordel abrange um amplo universo temático: amor, moral, heroísmo, valentia, religiosidade, entre outros. Segundo Luciano (2012), o cangaço foi tema preferencial e contribuiu em grande medida para firmar essa literatura. O autor justifica essa colocação afirmando que “o advento do cangaço organizado coincide com o início da publicação sistemática de folhetos.” (LUCIANO, 2012, p.81). O cangaço, como tema recorrente nos cordéis, não atua entre os cordelistas como forma de conduzir revoluções, no entanto, ele busca construir a imagem de um herói que tem a missão de representar seu povo na tentativa de alcançar melhores condições sociais. Portanto, “o herói do folheto deve servir como porta-voz dos hábitos e instituições nordestinas, realizando uma proposta ética em conformidade com o seu ambiente.” (NEMER, p.33).

Na tentativa de construir essa imagem heroica do cangaceiro, o cordelista cria um estereótipo, com o qual seu público deve identificar-se e sentir-se comovido pela sua trajetória. Os cangaceiros assumem um caráter rude, de origem humilde, que, estando liderados por um chefe, adentram por todo o sertão dotados de honra, moral e justiça, opondo-se à política e buscando reestabelecer a ordem na sua região. Desse modo, afirma Castro:

A verdade é que, para ser sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheirescamente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir aos pobres. (CASTRO, 1980, p. 256 *apud* SILVA, 2008, p.72).

Para tanto, o cordelista fará uso do discurso moralizante e idealizador para conduzir seu auditório a aceitar a imagem que pretende traçar. O orador se sustentará na verossimilhança, a fim de convencer pela razão e persuadir pela emoção e pela identificação do auditório com o herói apresentado. A esse herói do cordel atribuímos aqui uma aproximação com o herói épico, visto que ambos se constroem pela mescla do plano histórico com o plano mítico. Além disso, essa aproximação também se firma pelos feitos grandiosos desses heróis, que estão vinculados à tradição oral. Por conseguinte, a legitimidade desse herói

Reside no fato de o artista captar, no seio de sua cultura, imagens, discursos, eventos e símbolos, que, articulados entre si, independentemente das fronteiras de tempo e espaço, expressam um estar no mundo, passível de ser lido através de associações simbólicas extraídas do seio desta mesma cultura. (SILVA e RAMALHO, 2007, p.55).

Também partindo dos estudos da argumentação e retórica, Passos (2014) desenvolveu o trabalho intitulado “Argumentação e ethos: análise de uma reportagem da Revista OMNIA”. Destacando o uso da persuasão, que consiste no despertar das paixões e emoções, o autor explora em sua análise as estratégias argumentativas utilizadas pelo autor da revista para convencer o seu auditório de que Lampião não invadiu a cidade de Itabaiana porque os itabaianenses possuem em sua história personagens mais perigosos que o Rei do Cangaço. A exemplo, Mata Escura, que será também citado neste trabalho. Assim, na literatura e na imprensa local é notória a tentativa de enaltecer a imagem dos itabaianenses e mostrar que o povo tem orgulho de sua cidade e de sua gente, o que poderá ser visto na análise do corpus deste artigo que trará Volta Seca como herói desse auditório particular.

3. Itabaiana e sua ligação com o cangaço

A cidade de Itabaiana, localizada no Estado de Sergipe, fica a 54 km da capital e é a quarta maior cidade do estado. É famosa pelos seus títulos de ‘cidade do caminhoneiro’, ‘terra do ceboleiro’ e ‘cidade serrana’, sendo ainda bastante valorizada pela sua intensa atividade comercial. Todas essas são imagens positivas da cidade do agreste sergipano, no entanto, não é só desse modo que ela é proclamada na boca do povo. Como nos diz Santos “Itabaiana é cidade afamada por ser violenta e a mídia da capital se alimenta bastante deste fato para seus furos de reportagem. “ (SANTOS, 2014, p.159). Essa ligação da cidade com a violência não é fato recente. Em passagens de Lampião pelo território sergipano, por cidades como Moita Bonita, Malhador,

Itaporanga, Campo do Brito, Frei Paulo entre outras, muitos questionam o porquê de o Rei do Cangaco não ter passado por Itabaiana.

Uma das prováveis justificativas é o então temível e memorável Mata Escura, que assombrou a região com seus atos amedrontadores e cruéis, sendo “levado à força aos 25 anos de idade às 13 horas do dia 08 de março de 1847 (primeira vez que a força foi usada em Itabaiana) após assumir nove assassinatos mais umas atrocidades.”(SOUZA, 2009, p.252 *apud* SANTOS, 2014, p.58). “”. Desse modo, o autor questiona:

Será que por medo do que podia encontrar aqui depois de investidas anteriores a cidades grandes como aconteceu, por exemplo, em Mossoró anos antes? Seria exatamente por ter amigos coiteiros no local e estes pagavam em dinheiro e armas para evitar a entrada deles? Será que aqui a concorrência era grande por ter bandidos ou heróis demais? (SANTOS, 2014, p.57).

Aqui já se nota a presença da identidade discursiva do itabaianense como terra de homens valentes e corajosos. Para reforçar essa ideia, aprofundamo-nos em uma figura da cidade, Antônio José Dias, ou o então já citado Mata Escura.

Mata Escura bem que poderia ser enquadrado como um cangaceiro a nível de (sic) Cabeleira, Lucas da Feira (de uma linha histórica muito próxima de Mata Escura pela descendência escrava e terem sido enforcados), Sereno, Cirino Guabiraba, Quirino, Inocêncio Vermelho. (SANTOS, 2014, p. 58-59).

Completando esse raciocínio, segue a música, no ritmo xaxado, de autoria de Volta Seca (que será abordado em seguida), que sugere a existência do medo e do respeito por Mata Escura até por parte de Lampião:

Sabino e Lampião

E lá vem Sabino

Mais Lampião

Chapéu de couro

E o fuzil na mão

Lá vem Sabino mais Lampião

Chapéu quebrado

E o fuzil na mão

Lampião diz que é valente

É mentira, é corredor

Correu da Mata Escura

Que a poeira levantou

Lá vem Sabino mais Lampião
Chapéu de couro
E o fuzil na mão
Lampião tava dormindo
Acordou muito assustado
Deu tiro numa braúna
Pensando que era um soldado. (SANTOS, 2014, p.69).

A relação de Itabaiana com o cangaço não se limita à possível identificação de seu povo (ou parte dele) com o caráter dos cangaceiros. Em **O cangaço em Itabaiana Grande**, Santos (2014) nos aponta nomes de itabaianenses que mantinham estreita relação com integrantes do bando de Lampião. Segundo o autor, essa proximidade é exposta no livro **Sila, Memória de Guerra e Paz**, de autoria de Ilda Ribeiro de Souza (Sila), esposa do cangaceiro Zé Sereno. A passagem a seguir narra fatos após a tragédia de Angicos em 1938, quando Maria Bonita, Lampião e alguns de seus homens foram atacados e assassinados violentamente. Sila cita Etelvino Mendonça, fazendeiro itabaianense que abrigava o bando em sua fazenda, tendo, portanto, recebido Sila e seu marido Zé Sereno, e que a pedido deste acolheu-a até que terminasse seu tratamento dentário.

Ficamos no mato, nas terras de Sergipe, aquela cena triste não saía da nossa imaginação, andamos muitas horas sem trocar palavra alguma. Passamos boa temporada no mato. Só Deus sabe porque não trazíamos os nossos pertences. A maioria tinha ficado no coito. E nem pensar de irmos até lá. A força sergipana nos procurava dia e noite. Tomamos outro rumo, para Dores e Monte Alegre (...) fomos para a fazenda de Etelvino Mendonça, um fazendeiro de Itabaiana; era de confiança, amigo nosso e valente, porque para ter amizade com cangaceiro precisava ser destemido e valente. (SOUZA, 1995, p. 54 *apud* SANTOS, 2014, p. 90).

Outra relação dos itabaianenses com o cangaço, desta vez não muito amigável, era a de Lampião com Otoniel da Fonseca Dória. Assim nos relata Ranulfo Prata sobre o desentendimento entre eles:

Do Saco do Ribeiro-SE, lugarejo da fronteira (com Itabaiana), telefonou ao delegado de polícia e chefe, de Itabaiana/SE, Otoniel Dória, chamando-o de 'colega' –Colega, por quê? Indaga intrigada, a autoridade. Explica Lampião: -Pruquê você é cego de um oio como eu. (PRATA, p.84 *apud* SANTOS, 2014, p.84).

Tempos mais tarde, Lampião autorizou que Zé Baiano assassinasse Dorinha. No entanto, por julgá-lo boa pessoa, tornam-se amigos. Concluindo essa retomada histórica sobre o cangaço e Itabaiana Grande, notamos que sua relação é mais estreita do que podemos imaginar. Além do mais, é válido saber que muito ainda pode ser descoberto, no entanto, até então, sabemos que Lampião não invadiu a cidade. Se por respeito, medo ou por ligações que o impediavam, não sabemos ao certo. O que nos cabe por ora é saber que o cangaço é marca na história do sergipano, e mais especificamente, do itabaianense.

4. Volta Seca, o cangaceiro itabaianense

Volta Seca teria sido o temível e cruel menino itabaianense que entrou para o bando de Lampião. Nascido em 1918 em território sergipano, em Saco Torto (povoado de Itabaiana), o garoto, segundo Prata (sem data) não possuía aparentes motivos para iniciar a vida criminosa:

A sua iniciação no crime, quero dizer, a sua motivação aparente de seu ingresso no banditismo, não só conhece aquelas causas apontadas como as mais comuns entre os outros membros da horda: sentimentos de vinda família, e causa complexas, econômicas, mesocósmicas, etc. Volta Seca não chegou a conhecer estas motivações, ingressou no crime “não sabe porque” (*sic*) PRATA, *apud* SANTOS, 2014, p.177).

A maioria dos cangaceiros ingressou no cangaço por motivos de ordem econômica, ou até mesmo pela sede de vingança. No entanto, a história de Volta Seca não apontava claramente para essas motivações. Teria, então, o menino, nascido com os sentimentos de valentia, perversidade e frieza? O temível Volta Seca cumpriria, portanto, o estereótipo de itabaianense de povo destemido e violento?

O famoso cangaceiro foi personagem de obras cordelistas por todo o país. Sendo retratado até mesmo pelo baiano Jorge Amado em **Capitães da Areia**. Na obra, traços de valentia e maldade são mostrados, confirmando que o garoto já demonstrava interesse e admiração por Lampião e seu bando:

O professor buscou uma vela, acendeu, começou a ler a notícia do jornal. Lampião tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças, saqueara os cofres da Prefeitura. O rosto sombrio de Volta Seca se iluminou. Sua boca apertada se abriu num sorriso. E ainda feliz deixou o Professor, que apagava a vela, e foi para o seu canto. Levava o jornal para cortar o retrato do grupo de Lampião. Dentro dele ia uma alegria de primavera. (AMADO, 2008, p. 49 *apud* SANTOS, 2014, p. 132).

É certo que o menino Volta Seca construiu história dentro do cangaço. Sua passagem por ali foi breve, estima-se que quatro anos. A data em que entrou no cangaço e a idade com que ingressou no bando são pontos de controvérsias e variam entre os estudiosos, para alguns aos 11, para outros aos 12 ou até aos 14 anos. Teria entrado para o bando de Lampião quando o encontrou em alguma de suas andanças no estado da Bahia. Em visita à igreja, juntamente com o bando de Lampião, Volta Seca foi observado pelo Padre Artur Passos, que o julgou de tal modo: “não têm, inclusive Lampeão, cara repelente, como imaginamos nos bandidos em geral, devendo frisar, porém, o olhar especial de um deles, o fedelho de 16 a 18 anos, que os acompanhava. ” (BARRETO, sem data *apud* SANTOS, 2014, p.181). A fama de valente e maldoso é marcante no menino que, em seus primeiros dias no bando, já cometia atrocidades. Além disso, sua valentia se confirma por ousar discutir com o próprio chefe.

Ainda que tendo estado no bando de Lampião por pouco tempo, Volta Seca não ficou para trás em medida de assassinatos. Julga-se que o menino foi condenado pela morte de muitos homens. Em discussão na Rádio Bandeirantes no programa Memória, em Leopoldina-MG comenta-se sobre o destino do cangaceiro:

Volta Seca foi preso 3 vezes, tendo fugido nas duas primeiras. Foi sentenciado a 145 anos, mais tarde a pena foi reduzida para 30 e finalmente para 20 anos, não a tendo cumprido integralmente porque o presidente Getúlio Vargas lhe concedeu o perdão, em 1954. O cangaceiro Volta Seca morreu em 1997 em Leopoldina, Minas Gerais, onde estava morando. (SANTOS, 2014. p.128).

Portanto, observamos, desde o início de sua trajetória de menino cangaceiro, algumas peculiaridades em Volta Seca em relação aos outros. Diferentemente da maioria dos homens de Lampião e de integrantes de outros bandos de cangaceiros, o menino teve a chance de seguir uma vida “normal”. Vimos que o maior fator que conduzia alguém para o banditismo eram as circunstâncias, mais especificamente, econômicas. A vida do sertanejo, árdua e infrutífera, condenava o homem à dureza e ao despertar de sua insatisfação e de anseios por uma vida melhor. No entanto, isso não nos permite julgar se estes eram heróis ou bandidos. Este é um ponto controverso e que exige um estudo mais aprofundado. Com a análise das estratégias pretendemos colaborar com a elucidação deste ponto.

5. Análise do cordel **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**

Ao enunciar, além de levar em consideração seu auditório e construir argumentos para o seu texto, o orador também faz uso de estratégias cognitivas. Dessa forma, o mesmo se vale de “um conjunto de processos de ligação e de dissociação. ” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p.73). Destes, o que pretendemos expor é o acordo que o orador mantém com o seu auditório. Esse acordo pode ser traçado por meio de valores. Tal como é realizado no cordel **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**, de Robério Santos. Na narrativa, o cordelista visa a um auditório particular, mais especificamente, aos itabaianenses. Detendo um certo conhecimento prévio do seu público, o autor recorre aos valores “para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas em vez de outras e, sobretudo, para justificar estas, de modo que se tornem aceitáveis e aprovadas por outrem. ” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 84-85).

Assim, o autor inicia sua narrativa familiarizando-se com o seu auditório. Com uma figura de comunhão, utiliza-se da alusão, meio pelo qual “cria-se ou confirma-se a comunhão com o auditório por força de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comum entre o orador e o auditório” (FERREIRA, 2010, p.127), para firmar uma integração e uma identificação com seu público, enaltecendo a imagem dos cangaceiros, a qual muito se assemelha com o estereótipo de itabaianense violento e “cabra macho”.

Veja intão caro leitor

Cum é bom ser cangacêro

Noite e dia caminhano

Pariceno forastêro

Na terra de Santo Antônio

O santo casamentêro.

Discorrendo brevemente sobre a narrativa, vemos que o cordel em análise narra a vinda de Lampião e do jovem Volta Seca à cidade de Itabaiana, quando aquele sofria com dor de dente. Nesse percurso, é exposta a relação fraterna entre os dois cangaceiros, o que, no entanto, não foi o suficiente para que Volta Seca se calasse em meio aos planos de seu chefe de saquear a cidade em que tinha nascido. É a partir desse feito do menino que o cordel firmará a este um caráter heroico.

No entanto, ao mesmo tempo em que narra sobre os feitos do menino Volta Seca, o narrador alerta seu leitor sobre a veracidade dos acontecimentos.

Prestem muita atenção

Nos versos qui vou dizê

Muita coisa é verdade

Já ôtas podi num sê

Portanto, a veracidade será dada pelo conceito que as pessoas têm do real, considerando que “não importa se essas afirmações são verdadeiras ou mentirosas, mas sim que imprimam em seu auditório a sensação de verdade, o verossímil, o persuasivo.” (FERREIRA, 2010, p.33).

Visando à análise da construção discursiva de um herói na narrativa cordelista, trabalharemos com a “operação da arte retórica” que é a invenção, adentrando nos lugares aos quais daremos ênfase aos da essência e da pessoa, presentes na narrativa e mais à frente apresentados:

- a. Lugar da essência: de acordo com Ferreira (2010), este lugar “afirma a superioridade dos indivíduos que melhor representam a classe à qual pertencem, seres que são modelos bem caracterizados de uma essência aqueles que encarnam melhor um padrão, uma função. ” (P. 74). Essa superioridade e essa representação são firmadas a Volta Seca quando destemidamente decide acompanhar seu chefe Lampião pela cidade de Itabaiana:

O pequeno Tonho do Santos

Foi o primêro a falar

Que sozinho ele num ia

E ia lhe acompanhar

Lampião diz poder ir sozinho, pois não tem medo, no entanto, Volta Seca insiste, e o Rei do Cangaço acaba aceitando a companhia e a proteção do menino.

Num é isso Capitão

Nunca que eu lhe disse isso

Sigo tu inté o inferno

Como ti feiz o Curisco

Só quiria ir junto a tu

Pru sinhô num corrê risco.

Pois bem muleque sabido

Teje pronto a viajar

Vamu visti ôta rôpa

Pru povo num istranhá

Tu vai de calça e camisa

E eu vô de terno e borná.

Lampião, que é conhecido pela fama de valente e corajoso, enfrentando uma dor de dente, procura em Itabaiana, por indicação de Volta Seca, um dentista que resolva seu problema. No entanto, em alguns momentos o Rei do Cangaço mostra-se fraco e temeroso andando por terras desconhecidas:

Andaro pelas veredas

Num sol de arrombamento

Mais, quando de longe viru

As casas do ajuntamento

Lampião suava frio

Era chegado o momento.

b. Lugar da pessoa: ainda de acordo com Ferreira (2010), “incide sobre o mérito de um ato realizado por uma pessoa para ressaltar a dignidade, a autonomia, a coragem, o senso de justiça. ” (p.75). Sendo assim, adentraremos nos feitos do menino Volta Seca que, no cordel em análise, são utilizados para firmar a este um *ethos* heroico.

Depois de ter percorrido a cidade de Itabaiana em busca do dentista que resolvesse sua dor de dente, Lampião, entediado, decide saquear a cidade de Itabaiana. Manifestado esse interesse, o menino Volta Seca rebela-se contra seu chefe:

Toin' da Pinta sinfuzou

Disse logo dois cabrunco

Arrastô sua pêxera

Chamou Lampião pra junto

Desafiando seu chefe para uma briga em defesa de seu povo e de sua cidade, Volta Seca apresenta seu senso de justiça e coragem:

Os dois valentes cabôcos

Desceram de seus animais

Bem na porta do cinema

Com as mãos seus punhais

Lampião de cara feia

Volta Seca muito mais.

Neste momento de tensão, em que Volta Seca mostra-se valente e destemido, Lampião, temeroso do que podia lhe acontecer, visto que seu único acompanhante estava em posição de inimigo, desiste de enfrentar o menino:

Num vô briga cum minino

Mesmo sendo intrasigente.

No entanto, ainda tenta mostrar sua soberania, e cospe no chão em sinal de valentia:

Lampião fez um trejeito

E deu uma cuspidinha

Mais à frente, mostra-se rendido pela vontade de Volta Seca e, tentando ser amigável, afirma que deixará a cidade sem causar mal:

Sou capitão Virgulino

Cunfirmado Lampião

Vim de lá de Serra Taiada

Cum o meu rifle na mão

E nessa boa cidade

Não vou causar aflição.

Resolvido seu problema, Lampião decide ir embora sem tirar de Itabaiana a paz. Assustado com a bravura daquele povo, mais especificamente, do cangaceiro Volta Seca, afirma não voltar mais ali:

Nunca mais vorto ali

Que é um povo enganadô

Até o cabra Volta Seca

Quis enfrentar o Sinhô!'

Por fim, refletimos: como Volta Seca estaria inserido no plano mítico? Sabemos que por si a história do cangaço se inscreve no plano mítico, incrementada pelas narrativas orais da população. O Rei do Cangaço é por muitos aclamado e tido como herói. Tratando-se de Lampião, o que temos é um herói mais abrangente, ou seja, um herói para o Nordeste brasileiro. Já a respeito de Volta Seca, deparamo-nos com um herói particular, o qual, na narrativa em análise, compromete-se com o povo itabaianense. Seu *ethos* heroico é firmado no plano mítico quando o cangaceiro afronta seu chefe e padrinho Lampião para salvar a cidade de Itabaiana. Assim, em meio a um feito maravilhoso, o jovem cangaceiro salva a cidade do saqueamento.

Considerações finais

Neste artigo analisamos a construção do *ethos* heroico do cangaceiro Volta Seca no cordel **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**, de Robério Santos. Para tanto, usamos como base conceitos retóricos e neoretóricos para estabelecermos os recursos escolhidos pelo autor para conduzir o leitor à persuasão. Assim, analisamos a narrativa destacando os lugares de essência e de pessoa frequentes no corpus. Nesse percurso, tomamos a definição de *ethos* como elemento retórico que não está limitado à imagem de si criada pelo orador no discurso, mas sim abrangendo toda e qualquer imagem discursiva que se pretende criar num texto tendo em vista a persuasão de um auditório. Para firmar a imagem heroica ao menino Volta Seca, recorreremos brevemente aos estudos épicos, visto eu tanto o herói épico quanto o herói do cordel em análise fundem o plano mítico e o plano histórico para se consolidar como tal. Nesse aspecto, observamos que Volta Seca alcança o plano mítico pela bravura presente na afronta ao seu chefe Lampião, a fim de defender sua cidade e seu povo. Por conseguinte, explanamos sobre a história do cangaço em Itabaiana, mostrando que esse movimento se fez mais presente em Sergipe do que se imagina. Por meio dos estudos de Santos (2009), tornou-se possível mostrar a relação amigável e conflitante entre os cangaceiros e os coronéis itabaianenses. Entrando para o cangaço ainda menino, Volta Seca demonstra-se forte e bravo, a fim de encontrar um lugar que se destaque. Ainda que passando pouco tempo no cangaço, o garoto revela-se peculiar, alcançando em meio à desigualdade a oportunidade de torna-se cidadão e deixar marcas na história do Nordeste e dos itabaianenses.

Referências

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamento para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga, 2012.

MEYER, Michel. **A retórica**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

NEMER, Sylvia Regina B. **A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha**. 2005. 222 p. Tese (Escola de Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=12>. Acesso em 15/03/2016.

PERELMAN, Chaïm e TYTECA, Lucie O. **Tratado da Argumentação**: A nova retórica. Trad. de Maria E. de A.P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [1958]
SANTOS, Robério. **O cangaço em Itabaiana grande**. Editora: Infographics, 2014.
SANTOS, Robério. **Lampião e Volta Seca em Itabaiana**. 1ª ed. Editora: OMNIA. 2013.

SILVA, Anazildo V. da e RAMALHO, Christina B. **História da epopeia brasileira – teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Raimundo José da. **Identidades e representações do Nordeste na literatura de cordel**. 2008. 187 p. Dissertação (Pós graduação stricto sensu –área de concentração: Estudos linguísticos). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1333/1/Raymundo.pdf>> .Acesso em 04/04/2016.

